

O VOLEIBOL COMO INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO DE GÊNEROS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

KARYNE DE NAZARÉ JERONIMO LIMA
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO AMAPÁ – CEAP, MACAPÁ, AMAPÁ, BRASIL
karyne.mmcp@live.com

MARIA HELENA FERREIRA PIRES DA COSTA CARVALHO
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO AMAPÁ – CEAP, MACAPÁ, AMAPÁ, BRASIL
mariahelena_edf@hotmail.com

Resumo

O referido ensaio teve como objetivo analisar as contribuições do ensino do voleibol para a integração de gêneros nas aulas de educação física. Para aprofundamento do estudo utilizamos descritores para pesquisas em periódicos, revistas científicas, livros, entre outros. Chegamos à conclusão de que, o voleibol é uma ferramenta que não deve ser descartada pelo professor nas aulas de Educação Física, porém, o que vai ser decisivo para a contribuição do mesmo para contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos jovens que o praticam será a forma como o professor conduzirá a modalidade, pois apenas misturar meninos e meninas nas aulas de educação física não será o suficiente para promover uma prática educativa, pois essa será apenas uma estratégia para o término das desigualdades. Dessa forma, ainda há outros fatores que influenciam como a necessidade de uma ação orientada e uma inserção de políticas públicas de co-educação.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Física escolar, voleibol, gênero.

Introdução

As atividades humanas existem desde a época dos primórdios, as quais dependiam do movimento, do ato físico. O homem primeiramente visava às ações do ponto de vista individual e guerreiro, valores que norteavam suas atividades físicas suprindo as suas necessidades da busca pela sobrevivência. Na Grécia antiga integrava a prática pedagógica, mas com a ascensão do império romano, perde o valor educacional.

Na Idade Média, com o crescimento do cristianismo, o culto ao corpo era pecado mortal. A atividade física apesar de não merecer um destaque especial nesse período, recebeu uma atenção cuidadosa na preparação dos cavaleiros não dando importância à prática intelectual, os quais, muitas das vezes, não sabiam ler e nem escrever. Os torneios e as “justas” representavam o auge dos exercícios físicos dos medievais servindo nos tempos de paz, como preparação para a guerra (OLIVEIRA, 1994).

Na Idade Moderna o humanismo reconcilia a educação intelectual e corporal, e a atividade física passou a ser chamada de Educação Física, em virtude da ligação entre cultura e exercício natural.

Os anos 70 foram marcados pela ditadura militar, e a Educação Física no Brasil dessa época sofreu grande influência, sendo usada, não para fins educativos, mas levando o ensino voltado para os esportes de alto rendimento. Infelizmente, essa ideia, que se propagou durante décadas seguintes, tornou-se uma tradição que, muitas vezes, vigora até hoje na concepção de instituições escolares resultando na exclusão de alunos.

Na escola a Educação Física muitas vezes acaba se voltando somente para a prática esportiva, com o objetivo de proporcionar o rendimento físico, o melhor desempenho e a melhor execução nos gestos esportivos, além de detectar talentos, dando prioridades aos alunos com maiores habilidades motoras e deixando de lado aqueles que não apresentam tais características (Galatti & Paes, 2006).

Nesse contexto os alunos passam a ser encarados como futuros atletas segregando aqueles que não possuem capacidades ou qualidades físicas ao executar determinada modalidade esportiva, provocando o distanciamento da disciplina Educação Física. Contudo, esse modelo provoca críticas, e incentiva a busca de novos subsídios para melhorar a aplicabilidade metodológica nas aulas de Educação Física no âmbito escolar. É importante que o professor proporcione aos alunos igualdade de oportunidades que possibilitem o desenvolvimento de suas competências e habilidades, imprescindíveis ao seu crescimento e desenvolvimento.

No Brasil, a Educação Física teve sua prática defendida por Rui Barbosa, que foi um forte defensor da implementação da Educação Física na escola para ambos os sexos, pois entendia que era necessário que o desenvolvimento intelectual caminhasse paralelamente (MARINHO 1971).

A educação física se entrelaça com todas as ciências que estudam o passado e o presente das atividades humanas, se desenvolve a medida que o homem também evolui culturalmente, pois a sua orientação no tempo e no espaço está em sintonia com seus verdadeiros anseios e necessidades para o alcance do bem estar físico e mental. A educação física é umas das áreas do conhecimento humano ligada ao aperfeiçoamento, manutenção ou reabilitação da saúde do corpo e mente do ser humano, além de ser fundamental no desenvolvimento do ser como um todo. O ensino da Educação Física é um componente curricular obrigatório segundo a Lei Estadual nº 1.282/08 e considerando o disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN e 9.394/96, Lei nº 10.328/01, 10.793/03, Parâmetros Curriculares Nacionais e Lei 0949/05 e Lei Estadual nº 0949/05, o qual possa oportunizar os alunos o desenvolvimento de suas potencialidades nos aspectos cognitivo, motor, moral, afetivo e social, objetivando seu aprimoramento como seres humanos, excluindo a seletividade e disparidades, pois, não é difícil constatar as barreiras que as mulheres e qualquer indivíduo desde cedo têm a superar, sublinhando a urgência de ações que conduzam à igualdade de oportunidades, o que é um grande problema que a sociedade ainda vivencia.

Para Scott (1995, p. 89), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que “fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” 54 Cadernos Cedes ano XIX, nº 48, Agosto/99.

Os bancos escolares são frequentados por alunos de diferentes origens ético-raciais e gênero, os conteúdos programáticos dos livros e dos currículos escolares ainda apresentam como padrão o homem branco e heterossexual. Para tratar dessa diversidade cultural escolar nota-se a necessidade de apresentar metodologias que conceitue gênero, raça, sexualidade, valorizando as múltiplas identidades constituintes no ambiente escolar, visando a integração de gêneros mesmo com todas as diferenças e transformações que o mundo vem sofrendo. A necessidade de espaços abertos a todos os alunos, valorizando o convívio entre os indivíduos é de suma importância, é acreditar no aprendizado não só de conteúdo, mas de valores sociais e humanos, de construção de conhecimento individual e coletivo, estabelecendo o diálogo constante entre professor – aluno, aluno – aluno, e de todos com o ambiente.

Para Garganta (1995) os esportes coletivos como, por exemplo, o voleibol proporcionam ações que devem ser solucionadas em grupo, visando assim à solidariedade e respeito pelo outro.

O voleibol por sua vez, criado em 1895 por Willian G. Morgan em Holyoke, Massachusetts nos EUA é uma modalidade ainda escassa no âmbito escolar.

Portanto, a modalidade voleibol como conteúdo das aulas de Educação Física na escola, além de um jogo competitivo, pode ser aplicada através de uma intervenção pedagógica que utilize seus fundamentos e jogabilidade de uma forma adaptada, dando ênfase a integração dos gêneros e não somente a técnica.

Logo, este ensaio teve como objetivo, analisar as contibuições do ensino do voleibol para a integração de gêneros nas aulas de educação física.

De acordo com Louro (1997) e Braga (2007), a expressão gênero começou a ser utilizado justamente para marcar as diferenças entre homens e mulheres que não são apenas de ordem física e biológica, conceito esse também utilizado por outros autores como (SAFFIOT, 1992), (LAURETIS, 1994), entre outros.

Os estudos de Silva (2005) mostram que apesar da diversidade cultural registrados nos documentos oficiais, porque os bancos escolares são frequentados por alunos de diferentes origens étnico-raciais e gênero, os conteúdos programáticos dos livros didáticos e dos currículos escolares apresentam ainda como padrão o homem, branco e heterossexual.

Foucault argumenta que:

[...] são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.” (FOUCAULT, 2002 p.21)

Refletindo sobre as possibilidades de ação pedagógica para tratar dessa diversidade cultural escolar nota-se a necessidade de apresentar metodologias que conceitue gênero, raça e etnia valorizando as múltiplas identidades constituintes no ambiente escolar, visando à integração de gêneros mesmo com todas as diferenças e transformações que o mundo vem sofrendo.

Soler (2006) acredita que as aulas de Educação Física são espaços privilegiados para desenvolver relações que despertem a solidariedade, a liberdade responsável e a cooperação.

É necessário que os professores entendam que o esporte na escola necessita de um tratamento diferenciado, sendo entendido e trabalhado como conteúdo da educação física, podendo através do jogo e do lúdico, despertar nos alunos o prazer em movimentar-se (DARIDO; RANGEL, 2005, CAMPOS 2006).

Na escola a Educação Física muitas vezes acaba se voltando somente para a prática esportiva, com o objetivo de proporcionar o rendimento físico, o melhor desempenho e a melhor execução nos gestos esportivos, além de detectar talentos, dando prioridades aos alunos com maiores habilidades motoras e deixando de lado aqueles que não apresentam tais características (GALATTI & PAES, 2006).

Barroso (2010) destaca quatro problemas que podem prejudicar o desenvolvimento da Educação Física na escola: a prática esportivizada, a prática repetitiva de gestos técnicos, especialização precoce e a falta de organização dos conteúdos a serem trabalhados.

Um caminho apontado como alternativa define que as aulas de Educação Física precisam valorizar em sua prática o lúdico, que vem do latim *ludus* e significa brincar. Neste brincar estão inclusos os jogos, brinquedos, divertimentos e também, a conduta daquele que joga, que brinca e se diverte visando a inclusão de todos, aprimorando a qualidade do ensino aprendizagem através de um ensino vinculado ao prazer do brincar (NUNES, S/D)

O voleibol por sua vez é uma modalidade ainda escassa no âmbito escolar, às vezes por falta de materiais, mas na maioria das vezes por falta de informações, profissionais de educação física que se dizem capacitados para ministrar uma aula, esporte esse que tanto faz parte das vivências dos alunos, pois reúne indivíduos, trabalha a coletividade, servindo até mesmo como instrumento de integração de gêneros, modalidade esportiva essa que tanto motiva e estimula as pessoas.

O voleibol é apontado como o segundo esporte na preferência dos jovens brasileiros. A explicação pode ser simples: considerando uma pessoa nascida em 1980, as referências positivas na mídia sobre o vôlei ao longo dos últimos 19 anos são infinitas: medalhas de ouro, prata e bronze em Jogos Olímpicos e Ligas Mundiais. Além disso, o voleibol talvez seja o esporte com maior potencial para o desenvolvimento da sociabilidade e espírito coletivo em

seus praticantes. O contato direto com o adversário não existe, o que permite a interação entre pessoas de diferentes faixas etárias nas mesmas equipes. Os movimentos nesse desporto têm que ser rápidos e precisos, beneficiando o desenvolvimento de ações motoras. O voleibol também se constitui numa ótima opção para pessoas pouco acostumadas à prática de atividades físicas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 1995).

Acredita-se que através da proposta de oportunizar a prática da modalidade voleibol numa perspectiva de integração de gêneros, tendo como objetivo viabilizar uma prática diferenciada e prazerosa que vise a socialização, e diversão de todos, além de orientar e sensibilizar os alunos a superarem as expectativas negativas da vida escolar, deixando de lado qualquer tipo de preconceito por causa de religião, raça, problemas políticos, sociais, econômicos e muitos outros, o que de certa forma influencia no momento de se relacionar com alguém, certamente os resultados serão os melhores possíveis. E para esse resultado positivo é necessário que o profissional de educação física propicie aos alunos oportunidades iguais, que utilize métodos que contribuam para a integração dos gêneros, que busque a participação de todos nas aulas. (SOUSA & RODRIGUES, 2007)

O esporte pode ser apresentado como forma de desenvolver uma nova concepção de ensino utilizando uma análise e modificações nas regras para que seja realizado de uma forma adaptada, tornando-o livre para questionamento no contexto sócio-cultural e esportivo (KUNZ, 1994).

Segundo Souza et al (2011) o voleibol é uma modalidade desportiva fundamental para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, podendo imaginar e criar variados movimentos, sendo este um meio de socialização entre meninos e meninas.

No cotidiano, geralmente não podemos evitar a competição, mas no ambiente escolar, é possível trabalhar de maneira conjunta através do voleibol (cooperação), contribuindo na formação do ser crítico. (Coletivo de autores, Voleibol, Mídia e Prática Pedagógica).

A modalidade voleibol como conteúdo das aulas de Educação Física, além de um jogo competitivo, pode ser aplicada através de uma intervenção pedagógica que utilize seus fundamentos e jogabilidade de uma forma adaptada, dando ênfase a integração social e deixando de considerar a técnica como fator primordial, de modo que desperte o interesse de seus praticantes, oportunizando-os à vivência, de modo prazeroso, dos contributos que esta modalidade pode proporcionar para o seu desenvolvimento e integração social.

Considerações Finais

Com base na análise e apontamentos realizados no decorrer do estudo, chegamos à conclusão de que, o voleibol é uma ferramenta que não deve ser descartada pelo professor na aula de Educação Física, porém, o que vai ser decisivo para a contribuição do mesmo para contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos jovens que o praticam será a forma como o professor conduzirá a modalidade, pois apenas misturar meninos e meninas nas aulas de educação física não será o suficiente para promover uma prática educativa, pois essa será apenas uma estratégia para o término das desigualdades. Dessa forma, ainda há outros fatores que influenciam como a necessidade de uma ação orientada e uma inserção de políticas públicas de co-educação.

Esperamos que os apontamentos realizados no decorrer deste ensaio venham a contribuir de forma significativa para os profissionais de Educação Física e áreas afins, podendo travar novas reflexões a cerca da temática.

REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO:

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

BARROSO, A. L. R. O voleibol na escola: estudo de propostas metodológicas. **Centro Esportivo Virtual**, Rio Claro. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/o-voleibol-escola-estudo-propostas-metodologicas>.>. Acesso em 25 mai. 2013.

BRAGA, Eliane Maio. A questão do gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria (orgs). *Infância e Práticas educativas*. Maringá- Pr.EDUEM 2007.

Bogdan, R; Biklen, S. (1994): *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
CAMPOS, L. A. S. **Voleibol “da” Escola**. São Paulo: Fontoura, 2006.

Coleção Repensando a Educação Física: da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Módulo 2 - Equipe BNL; Curitiba: Bolsa Nacional do livro, 2009.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002. (1 ed.1996, Série Leituras Filosóficas).

GALATTI, L. F.; PAES, R. R. Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar. **Movimento e Percepção**. Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 6, n. 9, 2006.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Ed). *O ensino dos jogos desportivos*. 3ª edição. Universidade do Porto, 1998.

IZQUIERDO, M.J. Bases materiais del sistema sexo/gênero. São Paulo: SOF, [199?]. Mimeografado.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ 1994.

LAURETIS, T.A A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO. Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes 1997.

SANTOS, Gislene A. dos. **A invenção do ser negro**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo/ Rio de Janeiro: Pallas; 2002.

MANTOAN, M.T. E (2005). “O direito de ser sendo diferente, na escola”. Campinas: Unicamp. (texto-apostila).

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs) *Uma Questão de Gênero*. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático** – Salvador, BA, EDUFBA, 2005.

SCOTT, Joan. "Deconstructing equality versus difference: Or the uses of poststructuralist theory for feminism". *Feminist Studies*, v. 14 nº 1, 1988, pp. 33-49.

_____. "**Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, v. 20, nº 2 Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOLER, Reinaldo. **Jogos cooperativos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

SOUZA, Thiago Mattos Frota; ASSUMPÇÃO, Claudio de Oliveira; ZABAGLIA, Ramon. **A importância do voleibol enquanto lúdico e modalidade desportiva dentro da Educação Física escolar**. *Anuário de Produção Acadêmica Docente*. Vol 4, Nº 7, 2010.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.; **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Endereço

RUA: Travessa Emanuel Valente dos Santos

BAIRRO: Novo Buritizal

TELEFONE: (96) 81356244